



ADRYLLANE OLIVEIRA CARVALHO DE ARAÚJO

DEVANILSON ÁLVARES DE SOUZA

Libertação

Ecológica

Texto escrito conforme as normas do acordo ortográfico dos países de língua portuguesa.

BRASIL
2009

ADRYLLANE OLIVEIRA CARVALHO DE ARAÚJO

DEVANILSON ÁLVARES DE SOUZA

Liberdade Ecológica

Autores



Devanilson Álvares de Souza

Formado em Filosofia pelo centro de Ensino Superior do Brasil. Atualmente estuda Teologia no Seminário Maior de Brasília – DF - Brasil

ADRYLLANE OLIVEIRA CARVALHO DE ARAÚJO

Formada em Filosofia pelo Centro de Ensino Superior do Brasil. Atualmente trabalha no Supremo Tribunal da Justiça (STJ).



“Realmente, só pelo fato de ser consciente das causas que inspiram minhas ações estas causas já são objetivas transcendentais para minha consciência, elas estão fora. Em vão tentaria aprendê-las. Escapo delas pela minha própria existência. Estou condenado a existir para sempre além da minha essência, além das causas e motivos dos meus atos. Estou condenado a ser livre. Isso quer dizer que nenhum limite para minha liberdade pode ser estabelecido escrito à própria liberdade ou, se você preferir, que nós não somos livres para deixar de ser livres”.

Sartre

AGRADECIMENTOS

Ao longo de nossa caminhada acadêmica tivemos muitas dificuldades, às vezes, pensamos que não conseguiríamos, mas conseguimos. A nossa conquista não foi mérito nosso, mas de Deus que misericordiosamente olhou para nossa agonia e nossas dores. Obrigado meu Bom Deus por tudo, especialmente pelo dom da vida, da liberdade e da amizade. Obrigado também por permitir trabalhar junto com outra pessoa, de pensamento, religião e visão política diferente, pois graças a vossa benevolência fizemos nossa escolha de elaborar este trabalho.

Nosso muito obrigado também a todos os professores da faculdade que nos mostraram o caminho, que nos inspiraram e apoiaram todos os nossos projetos acadêmicos. O nosso muito obrigado não poderia deixar de ser registrado também aos nossos amigos pelos carinhos, incentivos e opiniões.

E que dizer de nossos familiares? O sustentáculo de nossa vida, do nosso existir e nosso auxílio nas dificuldades e escolhas, que dizer? Um obrigado seria pouco. Por isso, saibam que amamos a todos, pois graças a vocês, que tanto nos ajudaram, principalmente nos momentos mais difíceis da formação e da vida é que somos o que somos hoje.

Agradecemos, por fim, ainda a *Revista Eletrônica Tocha Cultural* pela oportunidade e promoção deste evento, o qual também é um incentivo para nós. Na última edição desta revista, Devanilson apresentou ABC do Amor e da Linguagem, o qual está publicado no site.

A todos muito obrigado!

Adryllane Oliveira Carvalho de Araújo

Devanilson Álvares de Souza

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS	V
INTRODUÇÃO	07
CAPITULO 1 – Liberdade	08
1.1 – Que é liberdade	08
1.2 – A compreensão de liberdade	10
1.3 – A liberdade é o nada?	11
CAPITULO 2 – Concepções de liberdade	12
2.1 – A importância de liberdade para os sofistas	12
2.2 – A liberdade na Antiguidade e na Modernidade	13
2.3 – Visões filosóficas de liberdade	14
CAPITULO 3 – O Homem e a Liberdade	16
3.1 – O ser humano	16
3.2 – A liberdade humana	17
3.3 – Em busca da liberdade	19
3.4 – A angústia da liberdade	20
3.5 – A má fé e os demais valores	22
CAPITULO 4 – Liberdade Ecológica	24
CAPITULO 5 – A Liberdade	28
5.1 – Estou condenado a ser livre	28
5.2 – Relação entre liberdade e necessidade	30
5.3 – Que é liberdade?	31
CONSIDERAÇÕES FINAIS	33
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	34

INTRODUÇÃO

Esse trabalho filosófico surgiu em decorrência de leituras voltadas para o tema Liberdade e das crises existenciais, sobretudo, com base na filosofia sartriana.

Apresentaremos como o homem compreende a Liberdade, e como ele galga uma resposta satisfatória daquilo que chamamos de Liberdade. Tentaremos ainda definir, na ótica filosófica, que é o homem e a qual é a sua tão sonhada Liberdade.

Mas somente falar de liberdade não será suficiente, por isso trataremos e faremos uma reflexão acerca da crise ambiental, pois atualmente fala-se muito em urbanização e degradação ambiental, mas não falam que nossas escolhas causam consequências drásticas. O tema é pertinente, pois os impactos ambientais que sofremos estão ligados as nossas escolhas diárias. Com isso, pretendemos levar você, caro leitor, a uma reflexão acerca da Liberdade e da Ecologia.

A capa foi elaborada por Devanilson, com uma imagem da estátua da liberdade e uma foto tirada este ano da cachoeira do Abade, localizada no município de Pirinópolis – Goiás - Brasil.

O presente trabalho está dividido em cinco capítulos. O primeiro capítulo procura *definir o que é a Liberdade*, tratando ainda, brevemente, sobre a Liberdade e o Nada. O segundo capítulo aborda *a importância da Liberdade* e procura relacionar a Liberdade na Antiguidade e na Modernidade. O terceiro capítulo apresenta uma *relação entre o Homem e a Liberdade* e as suas problemáticas. No quarto capítulo trataremos a tona o tema que é título desta obra, a *Liberdade Ecológica*. E finalmente, no quinto capítulo trataremos mais uma vez acerca da Liberdade, voltando a questão inicial: *Que é a Liberdade?*

CAPÍTULO 1

SOU LIVRE?

1.1 O QUE É LIBERDADE?

Diversas pessoas, de diferentes épocas e lugares, já escreveram sobre a Liberdade. E já falaram inclusive em liberdade para se fazer o que quiser, para ter o emprego de que deseja, para escolher a mulher ou o homem que condiz com seu perfil, para ler qualquer livro ou para não ler absolutamente nada. Somos livres! Isso é Liberdade? E o que fazemos com essa Liberdade? Usamos essa Liberdade para expressar ou fazer aquilo que gostamos?

Com este trabalho pretendemos usar nossa liberdade de expressão para confrontarmos algumas idéias e paradoxos, pois observamos que “a vida” está se tornando cada vez mais permissiva. Em nossa sociedade atual fala-se muito em Liberdade, e pensa-se que onde há escolha há Liberdade. Eu posso ir, por exemplo, à Salvador-BA, à Itália ou à Argentina, é uma escolha, mas a escolha da Liberdade, porque temos de escolher. Se você é realmente lúcido, terá uma compreensão exata das coisas, pois não há escolha.

O que é a escolha? Seria uma ação? A escolha constitui um empecilho para a Liberdade? Estas perguntas devem nos conduzir a uma profunda reflexão para que saibamos a quem se obedece e o que se obedece.

Nos estados totalitários, por exemplo, não há Liberdade alguma, pois eles têm a idéia de que a Liberdade produz a degeneração do Homem, portanto, eles controlam, reprimem e oprimem. Outro exemplo, os animais, pois eles não têm liberdade, devem sempre seguir seus instintos. Onde há escolha, há liberdade. O ser humano tem suas escolhas, do contrário seríamos apenas robzinhos, fazendo coisas automáticas. Em sua essência o ser humano é livre.

Para sabermos que as pessoas pensam sobre a liberdade, Devanilson, conversou com sua mãe¹, leiga no assunto, para saber o que ela pensa acerca da liberdade. Esta conversa está em forma de diálogo:

¹ Isabel Álvares de Souza, 47 anos de idade, mãe de Devanilson Álvares de Souza, 24 anos de idade.

Devanilson: *O que é a Liberdade?*

Isabel: (imediatamente respondeu) – *Liberdade é ir a qualquer lugar quando quiser.*

Devanilson: *E se eu quiser ir agora mesmo (de Brasília) à Salvador – BA? Posso?*

Isabel: *Se você estiver com dinheiro pode!*

Devanilson: *Aqui agora (em Brasília) são 20h, quero estar em Salvador (Bahia) às 20h30min desta noite, posso?*

Isabel: *Isso é impossível.*

Devanilson: *Então não sou livre, pois quero estar em Salvador em meia hora e não posso!*

Então, *o que é Liberdade?* Será algo que se baseia apenas em escolhas ou será a execução do que se deseja fazer? Alguns psicólogos dizem que se alguém sente a vontade de fazer alguma, não se deve reprimi-la ou controlá-la, mas expressá-la imediatamente. Será então que jogar bombas ou soltar mísseis é expressar a Liberdade? Obviamente isso não é “liberdade”!

Onde se deve iniciar a procura pela Liberdade, no exterior ou no interior de nós mesmo?

A Liberdade só existe quando não há confusão no interior do indivíduo, quando psicológica e religiosamente não há perigo de se cair em armadilhas. Pois inúmeras são as armadilhas: gurus, sábios, pregadores, livros, psicólogos e psiquiatras mal formados e preparados.

Quando alguém está confuso, sem saber que se deve fazer deverá, primeiramente, se livrar dessa desordem mental, antes de falar em Liberdade. Como pode existir um relacionamento harmonioso onde há conflitos interpessoais? A Liberdade está na harmonia? Então, a Liberdade não deveria surgir do interior de cada um? Livre, inclusivamente dos medos, das ansiedades, dos desesperos, das mágoas e feridas de que sofremos por causa de alguma desordem psíquica?

A grandeza da Liberdade, a verdadeira Liberdade, existe em nós quando a ordem é completa. Mas que é a Liberdade?

1.2 A COMPREENSÃO DE LIBERDADE

Para tentarmos compreender melhor o que significa Liberdade, recorreremos a um filósofo, muito mais gabaritado que nós, ele se chama Sartre². Para compreendermos a Liberdade e o pensamento do filósofo francês deveremos abordar alguns pontos essenciais, como as afirmações de que a existência precede a essência, a angústia, a má fé e o projeto, sem eles seria impossível entender o pensamento sartriano, no que se refere ao Homem.

Quando se escolhe um projeto, por exemplo, pretende-se também conquistar a Liberdade para executar o tal projeto. A realização de um projeto depende de nós, pois somos livres. De acordo com Sartre, no homem a existência precede a essência, diferente das coisas e do mundo que são o que são porque tem sua essência definida antes da existência. A essência é o que faz com que uma coisa seja o que é, e não seja outra coisa.

A relação entre existência e essência não é igual no homem e nas coisas do mundo. Nos objetos a essência precede a existência porque há um artífice criador que doa uma essência. Porém quando concebemos um Deus criador, esse Deus identifica quase sempre como um artífice superior e qualquer que seja o dogma de fé considerado. Admite-se ainda que a vontade segue mais ou menos a inteligência ou pelo menos a acompanha e que Deus, quando cria, sabe perfeitamente o que cria.

Assim o conceito humano de Deus é assimilável de um corta-papel no espírito industrial e Deus produz o homem segundo técnicas e uma concepção, exatamente como o artífice fabrica um corta-papel segundo uma definição e uma técnica. O homem industrial

² Sartre nasceu em Paris no dia 21 de junho de 1905. O pai, oficial da marinha, faleceu dois anos antes. Após a morte de seu pai sua mãe mudou para Meudon, arredores da capital, para morar com seu avô materno. Em 1924 entrou para a universidade e classificou-se em primeiro lugar para o curso de filosofia. E no ano de 1929, Sartre, já era professor no liceu do Havre, depois em Paris, no liceu Condorcet e no liceu de Pasteur. Durante a Segunda Guerra Mundial Sartre foi convocado para servir como meteorologista. Foi feito prisioneiro no campo de concentração de Trier, Alemanha, em junho de 1940. Cerca de um ano depois, conseguiu escapar. Em 1941 encontra-se Simone de Beauvoir, amiga desde a época da escola normal e sua companheira de toda vida, em Paris. A filosofia sartiana sofreu influências de Descartes, como bom francês, Sartre sofreu o impacto do racionalismo gaulês e, sobretudo, de Descartes, cujo “*cogito*”, ele lança mediante a fenomenologia, com a temática existencialista. Sartre sofreu também a influência de Kierkegaard, porém, às vezes, a problemática da existência desenvolvida pelo pensador dinamarquês recebe daquelas soluções completamente antiéticas. Em Freud, Sartre busca inspiração para sua teoria do amor como forma de posse. Como outros pensadores da existência, Sartre, se aproveitou também do método fenomenológico de Husserl. Constituem o suporte geral de seu sistema, que as aplica amplamente. Com relação à influência de Husserl, impõe-se, entretanto uma observação o que importa, neste caso, não é tanto o que Husserl ensinou realmente como aquilo que Sartre considera como sua doutrina. Sartre aprendeu que a consciência não é um depósito, um recipiente que contém certas coisas (impressões, representações, imagens, etc.), que a consciência é *sui generis* e não pode ser explicado por nenhuma analogia física que a intencionalidade é o que constitui seu caráter fundamental. Sartre falece em 15 de abril de 1980 aos 74 anos.

realiza certo conceito que está na inteligência divina. O homem possui uma natureza humana, esta natureza é o conceito *homem* e encontra-se em todos os homens, o que significa que cada homem é um exemplo particular de um conceito universal.

Quando há artífice, este imprime uma essência a tudo que cria, portanto, concebe um Deus criador. É o mesmo que dizer que ele imprime uma essência para o homem, nesse caso a essência do homem precede a sua existência, o que para Sartre é inconcebível, pois o homem não está de modo algum determinado pela sua essência.

1.3 A LIBERDADE É O NADA

Que é o nada? Será a ausência do ser? A Liberdade assenta sobre o nada, isto é, a minha possibilidade de ser, pela consciência, o ser que eu não sou, e de não ser o que sou. Pode-se dizer que sou constrangido a ser livre, uma vez que não ousou ser tal, senão escolhendo-me a mim mesmo, e não posso deixar de me escolher, pois não escolher é ainda uma escolha.

Lançando na existência sem o meu consentimento, eu devo assumir essa existência, fazendo-me ser o que eu quero, e sem poder contar com mais ninguém senão comigo mesmo. Os termos *pastoso*, *viscoso* e *pegajoso* desempenham papel importante para Sartre, são metáforas do homem que, renunciando a Liberdade e instalando-se na má fé, pretende transmutar-se em coisa, e logo se prende e se torna pastoso. A *viscosidade* é o estado intermediário entre o nada ou a fluidez da Liberdade e o pleno, o maciço e o opaco do em si ou da coisa.

A consciência desliza na viscosidade, como soma o homem nunca se sente à vontade neste estado. O próprio viscoso, quando compreende o seu estado é o primeiro a experimentar um sentimento de horror, porque para uma consciência será sempre uma coisa pavorosa sentir-se presa a viscosidade.

A Liberdade é pesada tem caráter opressivo, ao sobrecarregar os meus ombros com o peso do meu ser e com o peso do mundo. Mas é o único valor, porque não se apóia senão em si e é o valor absoluto, pois só através da Liberdade pode haver valor.

Retomando o Ser e o Nada, em busca de um em si inatingível, com o qual pretende conciliar, mas este empenho ocorre no mundo e como tal é um agir que está sempre a modificar a configuração do mundo na sua própria materialidade.

CAPÍTULO 2

CONCEPÇÕES DE LIBERDADE

2.1 A IMPORTÂNCIA DA LIBERDADE PARA OS SOFISTAS

Em meados do século V a.C., iniciou na Grécia uma revolução intelectual, que acompanhou o auge da democracia em Atenas. Os antigos hábitos de pensamentos foram questionados, os filósofos abandonaram o estudo do universo físico e voltaram sua atenção para assuntos mais intimamente relacionados ao indivíduo.

Os primeiros foram os sofistas, um dos principais foi Protágoras, é dele a célebre frase que “o homem é a medida de todas as coisas”, resumindo a essência da filosofia sofista. Afirmavam que não existem verdades absolutas ou padrões eternos de direito e justiça.

Estas são como que a beleza e a bondade relativas às necessidades e interesses dos homens. Só pode haver verdades particulares válidas para um certo tempo e um certo lugar, pois a percepção sensorial é a fonte exclusiva do conhecimento. Portanto, também a moral varia de povo para povo, pois não há cânones absolutos do certo ou do errado. Alguns sofistas radicalizaram, foi o caso Trasímaco, para quem todas as leis e costumes são puras expressões da vontade dos mais fortes e espertos em benefício próprio.

Estes se colocavam acima das leis e se preocupavam com a satisfação de seus próprios desejos. Os sofistas condenavam a escravidão e o exclusivismo racional dos gregos. Defendiam a liberdade e os direitos do homem comum.

Condenavam a loucura da guerra e ridicularizavam o chauvinismo de muitos cidadãos atenienses. Os sofistas levaram a filosofia para a ética e para a política fazendo esta “descer dos céus para as moradas dos homens!” O pensamento sofista despertou forte oposição, pois se não existe verdade eterna, se a bondade e a justiça dependem dos caprichos do indivíduo, então numa religião, nem moral alguma, nem mesmo a própria a sociedade pode perdurar muito. A reação ao pensamento sofista fortaleceu o movimento filosófico de que a verdade é real e que existem padrões absolutos. Ser homem necessariamente implica uma ultrapassagem. Transcender a si próprio é a essência mesma do existir humano.

2.2 A LIBERDADE NA ANTIGUIDADE E NA MODERNIDADE

A Liberdade real é a Liberdade de um coletivo, essa é uma visão recorrente entre os intelectuais ocidentais. O individualismo clássico liberal não consegue lidar de maneira adequada com o problema da identidade pessoal já que para ser capaz de uma reflexão mais profunda não podemos ser totalmente sujeitos livres de uma possessão, individualizados antecipadamente e dando prioridade às nossas conexões e aspirações centrais, sempre abertas e certamente vulneráveis ao crescimento e a transformação a luz da auto compreensão aprimorada.

E enquanto nossa auto compreensão fundamenta engloba um sujeito maior do que apenas o indivíduo, seja uma família, uma tribo, uma cidade, uma classe, uma nação ou um povo, nessa medida ela define uma comunidade em um sentido constitutivo. Também nos dizem que a participação na tomada de decisões coletivas é um tipo elevado de Liberdade, já que com eles nós não estamos apenas dizendo, nos termos desdenhosos de Platão.

A Liberdade antiga era incompatível com as condições modernas e requeria medidas terríveis na busca de realizá-las. A Liberdade antiga foi uma resposta às ameaças de uma guerra, sempre presentes entre as sociedades antigas. A perda de uma guerra no mundo antigo, em geral significava o extermínio ou a escravização da população, se a uniformidade de opiniões e ações características da Liberdade antiga fosse o preço a ser pago para se evitar a derrota e a escravidão, certamente podemos compreender seus atrativos. Porém, confundir essa Liberdade coletiva com a Liberdade característica do mundo moderno geraria uma catástrofe.

A Liberdade moderna é produto de um conjunto especial de relações políticas que emergiu na Europa, quando ainda se parecia com as sociedades do mundo antigo. O comércio, ao invés da guerra, determinou o caráter da era moderna, mas a linguagem da ciência política não refletiu essa diferença. Na verdade, talvez a maior parte dos grandes debates políticos teóricos dos últimos anos, pode ter a sua origem identificada na aplicação dos conceitos e termos da ciência política antiga como foram recuperados pelos pensadores ocidentais dos textos de Platão e Aristóteles, nas instituições e práticas que eram radicalmente diferentes em tipo e caráter.

A natureza de um relacionamento entre pessoas no mundo moderno é, em primeiro lugar, contratual, baseada em acordos e juramentos de vários níveis, além de um trabalho voluntário. Na história moderna europeia a sementeira da Liberdade moderna europeia era a comuna.

Essas comunas não eram apenas contratos sociais hipotéticos entre entidades puramente racionais, nem era alguma espécie de seres mais elevados, mas acordos empíricos robustos. A Liberdade que caracterizou a experiência política e legal da sociedade ocidental emergiu não de uma redescoberta de textos antigos, mas da experiência da Liberdade cívica nas comunas da Europa, onde os europeus deviam classificar os arranjos políticos e legais de uma nova forma.

2.3 VISÕES FILOSÓFICAS DE LIBERDADE

A primeira grande teoria filosófica sobre a Liberdade foi exposta por Aristóteles, nessa concepção é livre aquele que tem em si mesmo o princípio para agir ou não agir, isto é, aquele que é causa interna de sua ação ou da decisão de não agir, inexistindo constrangimentos externos e internos. Contrariamente ao necessário ou à necessidade, pois esses são oriundos da ação de uma causa externa, obrigando-o a agir sempre de uma determinada maneira. Essa teoria aristotélica permaneceu, com variantes, através dos séculos, chegando ao século XX, quando foi retomada.

Sartre levou a teoria aristotélica ao limite. Para lê, a Liberdade é a escolha incondicional que o próprio homem faz de seu ser e de seu mundo. Quando julgamos estar sob o poder de forças externas mais poderosas do que nossa vontade, esse julgamento é uma decisão livre, pois outros homens nas mesmas circunstâncias não se curvaram nem se resignaram, por isso Sartre afirma que estamos condenados à Liberdade.

A segunda concepção da Liberdade foi, inicialmente, desenvolvida por uma escola da filosofia do período helenístico, o estoicismo, ressurgindo no século XVII, com o filósofo Espinosa e, no século XIX, com Hegel e Marx. Diferentemente de Aristóteles e de Sartre, não colocam a Liberdade no ato de totalidade natureza, cultura ou formação histórico-cultural, é livre em si mesma por que nada a força ou obrigado do exterior e, por sua Liberdade, instaurada leis e normas necessárias para suas partes. Essa concepção não mantém a oposição entre Liberdade e necessidade, mas afirma que a necessidade é a maneira pela qual a Liberdade do topo se manifesta.

A terceira grande concepção filosófica da Liberdade é inicialmente de Espinosa e Hobbes, no século XVII e retomada no século XVIII por Voltaire e procura unir elementos das duas anteriores. Todavia, não se trata da Liberdade de querer alguma e sim de fazer alguma coisa, ou seja, somos livres para fazer alguma coisa quando temos o poder para fazê-

la a possibilidade objetiva. A Liberdade é a consciência simultânea das circunstâncias existentes e das ações que suscitadas por circunstâncias nos permitem ultrapassá-las. Estes filósofos sempre lavaram em conta a tensão entre nossa Liberdade e as condições que nos determinam.

Não existe Liberdade absoluta, no sentido de que o meio sempre impõe limites, as nossas vontades, mas existem tipos de Liberdade: social, política e econômica, que formam uma Liberdade relativa, quem vive no mundo “real” sabe empiricamente que é raríssimo conciliar Liberdade com necessidade. Afinal de contas, o nascer já nos é imposto, assim como pensar, a consciência é livre para o pensamento, porém está condenada a pensar.

CAPÍTULO 3

O HOMEM E A LIBERDADE

3.1 O SER HUMANO

O ser humano é caracterizado pela capacidade de ir além de si, está dirigido a algo ou alguém diferente de si. O homem não se contenta em permanecer fechado em si, mesmo reconhece que lhe corresponde profundamente viver por um ideal, por uma finalidade última.

É na relação com a realidade que o homem descobre suas potencialidades de intervir nela, é no encontro com o real que pode reconhecer a singularidade e unicidade de seu ser. Cada homem é único e irrepitível, tem um modo próprio de existir, um ser assim que lhe permite responder as circunstâncias irrepitíveis, afirmando valores que só ele seria capaz de fazê-lo naquele momento, daquela maneira.

A faculdade de decidir, de agir e, portanto, de responsabilizar-se é próprio do homem. Uma das manifestações da natureza humana é a capacidade de agir com autonomia e responsabilidade, de posicionar-se diante da realidade com autodeterminação. Ser responsável significa, antes de tudo, assumir as decisões e as atitudes dentro de circunstâncias concretas da vida, afirmando valores e posicionamentos a partir de critérios que são identificados pela consciência.

A razão é a estrutura interna de compreensão do homem, sua capacidade intelectual de compreensão. Esta forma peculiar de se relacionar e reconhecer com o real foi chamada pela tradição do pensamento ocidental de capacidade de conhecimento espiritual, a qual é definida como possibilidade de relação do homem com a realidade, que é extremamente ampla e elevada, tornando-se capaz de está diante da totalidade do real, o mundo do espírito é a totalidade do ser.

O homem é um ser que, propriamente e em última estância, se encontra à procura de sentido. Constituído e ordenado para algo que não é simplesmente ele próprio, direciona-se para um sentido a ser realizado. Além da busca a satisfação de suas necessidades e seu equilíbrio homeostático, ele tem urgência em encontrar e realizar um sentido. É inerente ao homem o anseio por descobrir um para que, uma finalidade última para existência, algo pelo qual valha à pena entregar a vida. A possibilidade de realizar o desejo de sentido, a afirmar

um significado último para a existência, está em responder, de forma singular, própria a situações concretas, cada uma delas única e irrepetível.

Uma vida plena de sentido se constrói buscando e encontrando o significado de cada experiência cotidiana. É na relação com a realidade que o homem descobre suas potencialidades, necessidades de nela intervir, é no encontro com o real que pode reconhecer a singularidade e unicidade de seu ser.

A Liberdade é a capacidade do homem de conduzir a si mesmo, de estabelecer, orientado pela consciência, o exercer essas potencialidades, especificamente humanas, como a responsabilidades e a Liberdade. É preciso um processo educativo no qual a pessoa possa desenvolver sua inteligência para descobrir o bem e sua vontade, para realizá-lo.

3.2 A LIBERDADE HUMANA

Muitos são os conceitos aplicados ao termo Liberdade, mas esses nos apontam para o verdadeiro sentido dela, pois algumas definições são equivocadas e outras erradas. Por isso, antes de tudo, para se falar em Liberdade, precisamos saber que na antiguidade, este termo significava o estado do cidadão livre em relação ao escravo. Por exemplo, o ex-escravo está livre. Defendemos a Liberdade em diversos sentidos e situações, como a Liberdade religiosa, de imprensa, de expressão, etc.

A essência da Liberdade reside na Liberdade interior, ou seja, é da nossa consciência que provém à vontade de agir exteriormente. Por isso, ato livre é aquele realizado com consciência e por vontade própria, não em estado inconsciente, nem por coação.

O filósofo Aristóteles, em sua obra *Ética a Nicômaco*, apresenta como livre quem tem em si mesmo o princípio para agir ou não. É o agente que dá os motivos e os fins da sua ação, sem ser forçado por ninguém.

No período da patrística e medieval, a Liberdade era vista de uma maneira teocêntrica. Agostinho, em o *Livre Arbitrio*, declarou que Deus é quem nos revela que o homem tem a livre escolha da vontade. Nesse período, o homem passou a ter a noção do Bem e do Mal. Esse último não existe para Agostinho. O que existe é a privação do Bem, para a qual os próprios homens deram o nome de Mal. Para Agostinho, o homem em a livre escolha para determinar as suas ações.

Já no período moderno, o teocentrismo deu espaço ao antropocentrismo. O homem passa a ser o centro dos estudos e pesquisas. Dessa maneira, a Liberdade não estava mais relacionada a Deus, mas com os indivíduos.

Na contemporaneidade, a Liberdade passou a ser considerada do ponto de vista social. Hoje, enfrentamos grande problema sobre a questão da Liberdade. Até que ponto somos livres na sociedade atual, em que os sistemas políticos, os meios de comunicação e a tecnologia tornaram-se meios potentes de opressão?

Na sociedade em que vivemos a Liberdade não é comprometida por forças extramundanas, mas por forças sociais, criadas pelo próprio homem, e que agora se viram contra ele. O problema atual é conciliar o progresso, a tecnologia e os meios de comunicação de massa com a Liberdade.

Aristóteles escreveu sobre conceitos que estão relacionados com a felicidade, tais como amizade, amor, Liberdade, justiça, bondade, entre outros, valorizando muito a amizade, pois todos nós precisamos de amigos, porque são eles que verdadeiramente estão do nosso lado nos momentos fáceis e difíceis da vida. Para ele, a amizade é um caminho para a felicidade e precisa de reciprocidade, ou seja, o sentimento deve existir das duas partes e, além disso, não é uma coisa que acontece da noite para o dia, mas é fruto de uma vida inteira. Por isso, da mesma forma que não se constrói uma amizade de ontem para hoje, a felicidade é a mesma coisa, ou seja, ambas são obras de uma vida inteira.

Muitas pessoas se perguntam: O que é felicidade? É possível ser feliz? Aristóteles responde as duas perguntas. Ele diz que a felicidade existe e que é possível sermos pessoas felizes, mas para isso é necessário praticar a virtude, que é aquilo que nos inclina para a prática do bem e a busca da felicidade. Virtude é a capacidade humana de aplicar a racionalidade e fazer dela uma coisa prática, colocando a razão sempre acima das paixões. Aristóteles aponta que a virtude é o justo meio, uma medida de equilíbrio entre as coisas.

Aristóteles apresenta a idéia de que o homem é um ser racional e que por isso, como foi mencionado no parágrafo anterior, a razão deve dominar as paixões, para que possamos ser pessoas virtuosas e alcançarmos assim a felicidade. Ainda no que se refere à prática da virtude, Aristóteles, enfatiza que a felicidade é o resultado das nossas ações que pode nos classificar como justos ou injustos, certos ou errados, ou seja, se as minhas ações forem justas, serei um homem justo, do contrário, se as minhas ações forem injustas, serei um homem injusto e o que vai determinar as minhas atitudes como justas ou injustas, é a lei que rege a vida social.

Em *Ética a Nicômaco* Aristóteles (Aristóteles, 2008, pp. 172-173) examina de modo mais explícito a problemática da amizade e nas entre linhas podemos perceber também a problemática da Liberdade. Mas o estagirita também nos chama a atenção para a questão da justiça. Então pergunto, *Há uma Liberdade justa? Essa justiça nos trará felicidade?* São perguntas e temas que nos faz refletir e pensar que estamos longe da Liberdade, por isso há uma constante busca. Mas sem saber se vai alcançar. E se alcançar não se sabe se será livre para sempre.

3.3 EM BUSCA DA LIBERDADE

A Liberdade é concebida com pleno poder e incondicional de vontade para determinar si mesmo ou para ser autodeterminado, é pensado também como ausência de constrangimentos externos, isto é, como capacidade que não encontra obstáculos para se realizar nem é forçado a agir por coisa alguma.

Trata-se da espontaneidade plena do agente, que da a si mesmos os motivos e os fins de sua ação sem ser constrangido ou forçado por nada e por ninguém. A Liberdade é a escolha incondicional que o próprio homem faz de seu ser de seu mundo.

Quando julgamos está sob o poder de forças externas mais poderosas do que nossa vontade, esse julgamento é uma decisão livre, pois o outro homem, nas mesmas circunstâncias as não se curvarem nem resignarem.

A Liberdade é a capacidade para perceber tais possibilidades e o poder para realizar aquelas ações que mudam o curso das coisas, dando-lhe outra direção ou outro sentido. A discussão sobre paixões, os interesses, as circunstâncias históricas sociais, as condições naturais sempre estiveram na ética e por isso uma idéia como a de possibilidade objetiva sempre esteve pressuposta implícita nas teorias da Liberdade.

A possibilidade objetiva da Liberdade é a consciência simultânea das circunstâncias existentes e das ações que, sustentadas por tais nos permitem ultrapassá-las, porém não se encontra na ilusão do posso tudo nem no conformismo do nada posso, encontra-se na disposição para interpretar e decifrar os setores do campo presente como possibilidade, objetivos, isto é, como abertura de novas direções e de novos sentidos a partir do que está dado.

A capacidade para darmos um sentido novo ao que parecia fatalidade, transformando a situação de fato em realidade novas, criadas por nossa ação, essas forças transformadoras, que

torna real o que era somente possível e que se achava apenas latente como possibilidade é o que faz surgir uma obra de pensamento, uma ação heróica, um movimento antirracista, uma luta contra a discriminação sexual ou de classe social, uma resistência a tirania e a vitória contra ela nosso desejo a nossa vontade não são incondicionados, mas os condicionamentos não são obstáculos à Liberdade e sim o meio pelo qual ela pode exercer-se. O último momento da Liberdade é a realização da ação para transformar um possível num real, uma possibilidade numa realidade.

A aventura da consciência em busca do seu próprio complemento, através da conciliação *do para si com em si*, veio revelar a característica de que o se do homem se configura sempre como um fazer, um agir. Sartre propõe descobrir a condição em que se funda esta característica, que é para ele a Liberdade e examina as estruturas das suas manifestações, no interior do horizonte mundano. Ele analisa a Liberdade e o agir humano a partir da teoria segundo o qual o homem é um ser que escapa a todo o rígido determinismo exterior e interior, um ser imediato é integralmente responsável por todas as suas ações, o homem é intrínseca e ontologicamente livre.

3.4 A ANGÚSTIA DA LIBERDADE

Uma vez livre, o homem se escolhe e nessa escolha de si, experimenta a angústia. Assim, pois, em face da matéria insignificante de um mundo sem significação, o homem levanta-se como sendo de algum modo o seu criador. Em presença do que o cerca, o homem lê, inventando um estatuto de ordenação, pois é o doador de sentido. Porém, se é verdade que o homem cria sentidos, é verdade também que ele acolhe significados que já existem antes dele e se revelam a ela em função das possibilidades concretas, dos limites reais do objeto, das interdependências mútuas das coisas do mundo.

A temática da angústia desenvolvida por Sartre tem influência considerável de Kierkegaard, em que ela surge frente à Liberdade na obra *O ser e o nada*, a angústia é discreta da seguinte maneira: “É na angústia que o homem toma consciência da sua Liberdade ou, se prefere, a angústia é o modo de ser da Liberdade como consciência de ser colocando-se a si mesmo em questão” (Sartre, 200, p. 72). Como também o conceito de angústia aparece sobre uma forte influência do filósofo alemão Heidegger, enquanto capacitação do nada, ou seja, trata-se da capacitação de si mesmo enquanto nada ser.

Nas palavras de Sartre “aparece à angústia como capacitação de si mesmo na medida em que existe como modo perpétuo de *arrancamento*, aquilo de que se é, ou melhor, na medida em que o si mesmo se faz existir como tal” (Sartre, 2002, p. 79). As duas descrições que aparecem no pensamento de sartriano sob a angústia não se excluem, mas corroboram para constituir a consciência de angústia. O que define o homem como a própria angústia, como algo constitutivo da sua existência.

Para Sartre o que se refere à angústia diante da liberdade, ela aparece com o mesmo sentido retratado por Kierkegaard, ou seja, a angústia não é o medo. Isto porque o medo aparece sempre frente há algo externo, algo fora do ser humano. Já a angústia corresponde a algo diante de si mesmo, daquilo que constitui a própria realidade humana, no entanto, as relações entre a angústia e o medo podem, em certos casos, aparecerem juntas, ou quando uma se torna presente posteriormente exclui a outra, ou ainda há momentos em que uma surge sozinha sem que haja necessidade da presença da outra. No caso em que aparecem juntas, Sartre cita o exemplo de está diante de um precipício. “A vertigem é a angústia na medida que tenho medo, não de cair no precipício, mas de me jogar nele. Uma situação provoca medo, pois a ameaça modificar a minha vida e meu ser, provoca angústia na medida em que desconfio de minhas relações adequadas a ela” (Sartre, 2002, p.73).

Segundo Sartre a liberdade ao se revelar pela angústia, faz com que a realidade humana se apresente sempre como uma renovação contínua “Eu que designa o ser livre” (idem, p. 79). Este procedimento é marcado pelo possível, algo próprio do ser humano porque trata-se daquilo que depende somente dele. Isto não significa que haja a existência de um Eu na consciência ou que a angústia deriva dele. Sartre comenta: “Esse eu, com seu conteúdo a priori e histórico, e a existência do homem. E a angústia, como manifestação da liberdade frente a si, significa que o homem acha-se separado de sua essência por um nada”, (Sartre, 2002, p. 79).

Assim na existência o ser humano se faz livremente como um possível, sem a exigência de um fundamento ou de uma eficácia justificável que sustente certa decisão. Havendo apenas a liberdade das condutas frente ao futuro e ao passado, emergido dessa liberdade das condutas frente ao futuro e ao passado. Emergido dessa liberdade e angústia. O que faz do ser humano o único responsável, tanto pela suas ações livres como pela constituição seu ser da sua maneira de ser no mundo. Assim o ser humano como criador dos valores, faz com que se constitua uma ética que não está livre da angústia.

O homem e a liberdade, dizia Sartre, como demonstrar isso, sendo o que escolheu do ser. Ao fazer a escolha, cria seu valor como não há valor objetivo ou universal, cada um deve

criar ou orientar os valores ou as normas que guiam seu comportamento. Cada ato ou indivíduo vale moralmente pelo uso que faz de sua liberdade. Sendo a liberdade o valor supremo é valioso escolher e agir livremente.

Toda consciência é consciência de algo, diz Sartre. Para Sartre não há inconsciência. O homem deve sempre está consciente de alguma coisa, a começar de si - mesmo, e o ser para si. Para ele, a existência e a liberdade andam juntas, existir para um homem, é ser livre. O homem nasce livre, responsável e sem desculpas.

O homem tem sempre a possibilidade ou a necessidade de escolher o caminho que será seu, ou escolher os caminhos da liberdade que se abrem diante dele e que ele aceitará ou trilhar, segundo tinha a coragem de assumir suas responsabilidades ou prefira refugiar-se na má fé do determinismo.

3.5 MÁ FÉ E OS DEMAIS VALORES

O ateísmo desempenha papel importante como pedra angular do humanismo existencialista de Sartre. Se não existe, não encontramos dentro de nós valores ou imposições que nos legitimem o comportamento. Se, no entanto, não há consciência divina, infinita e perfeita para pensá-los, e estamos sós, sem justificativas para os nossos atos, por que, sinais, que balisem existencialmente e orientem. Estamos condenados a ser livres.

A filosofia sartriana apresenta que o homem está condenado a cada instante a inventar o próprio homem. Nestas condições, o homem, se sente esmagar sob a responsabilidade de uma escolha feita sob condições de luto desamparo e abandono, o que o leva ao desespero. Esse desespero faz com que o homem invente um deus, e não deus que cria o homem cria novos valores, que significam para ele dar a vida, que torna o homem como fim e valor superior pelo seu humanismo existencialista, em cada um se escolhe livremente sem se referir a valores. Esta escolha, porém, não é gratuita, pois a escolha moral para ele se assemelha à constatação de uma obra de arte, a qual não se inspira em regras estabelecidas *a priori*.

O projeto humano traz, portanto a máscara essencial da Liberdade, pois o homem se faz escolhendo a sua moral, como, porém, esta escolha define um tipo de projeto que é válido para todos os homens e épocas, eu devo agir segundo o *axioma* da moral kantiana, que eleva os meus atos à condição de paradigma de ação para toda a humanidade.

A Liberdade moral da escolha rejeita qualquer idéia de determinismo, pois não existe uma natureza interior ao homem nem valores fora dele para preestabelecer rumos necessários

à ação. Assim, ninguém nasce covarde ou herói, mas cada um se fez conforme sua livre opção, tornando-se responsável pelo que é. Esta Liberdade e responsabilidade moral de opção caracterizam o que Sartre chama de dureza otimista, a qual repugna aos que se refugiam na má fé de um pseudo-determinismo, dissimulando a autenticidade do livre compromisso.

Na verdade o ateísmo é uma relação com Deus, fruto de uma conversão filosófica, pois a própria crença em Deus é devida à condição humana e não aos condicionamentos históricossociais.

Em acordo com Marx, Sartre afirma o sentimento religioso como um álibi e uma fuga da própria condição humana, pois para o homem existe sempre uma luta a travar contra a ilusão transcendental que é a relação com Deus. Invertendo o mito de Cristo, de um Deus que se sacrifica para que o homem viva, na verdade é o homem que perpetuamente se sacrifica em prol da existência de Deus. Sacrifício inútil e prejudicial.

O existencialismo de Sartre conduz ao desespero, pois nele o ser humano encontra-se sozinho, abandonado, independente. Em anotações para uma moral. Deus é a categoria para todas as alienações, é a hipótese de objetivação do homem.

A má-fé é a atitude característica do homem que finge escolher, sem na verdade escolha. Aquele que se furta à Liberdade tenta fugir a uma situação que não pode abandonar e que é o seu ser próprio. A má-fé caracterizada pelo fato de o indivíduo dissimular para si mesmo, a fim de evitar uma escolha, da qual possa se responsabilizar. É por isso que Sartre afirma. Se definirmos a situação do homem como uma escolha livre, sem desculpas e sem auxílio, todo o homem que se refugia na desculpa que inventa um determinismo é um homem de má-fé. A má fé evidentemente uma mentira, porque dissimula a total Liberdade do compromisso.

Para que se possa entender todo o alcance da problemática da má fé, deve-se considerar o plano em que esse comportamento se verificar, isto é, trata-se de fé ou melhor, de crença. A fé, a crença já nasce como impossibilidade de crença, crer é saber, que se crê e saber que se crê e já não crer e a fé nunca é suficientemente fé. Por essa razão, a crença, a fé é necessariamente má, no sentido de que busca encobrir a negatividade que é o homem, tentando construir um ser em si, procura fugir daquilo de que não se pode fugir e esse sim é seu ato primeiro.

O homem sartriano parece um tanto quanto, embrutecido, jogado numa existência miserável e talvez, a má fé seja seu melhor subterfúgio, muito pelo contrário como afirma Sartre, “nunca aceitei o materialismo estúpido que reduz o homem a uma coisa entre as coisas entre as coisas. O homem é um perpétuo alheio, o homem é a esperança”.

CAPÍTULO 4

LIBERDADE ECOLÓGICA

Não podemos aceitar o materialismo estúpido que reduz o homem ou que é às custas de sacrilégios, como o da natureza, por exemplo. Não podemos ser tão infantis como parecemos ser, pois é justamente em virtude da grande problemática em torno das questões climáticas que o homem parece agir de má fé, mesmo tendo consciência de seus atos. Refletiremos neste capítulo acerca da ecologia, visto que quando se trata de um tema atual e que envolve nossa liberdade e escolha.

Atualmente, em meio a tantas desgraças, estamos vivendo a maior crise ambiental da história. Portanto, como poderíamos deixar de lado um tema tão importante e urgente? Como fazer vista grossa diante de uma gravidade que envolve centenas de milhares de vidas?

No século XIX ainda não se falava em crise ambiental como se falava hoje em dia. E por parte de nossos governantes locais, estaduais, nacionais e internacionais, observamos que há uma legitimação do desinteresse com o meio ambiente, pois o que conta mais é o lucro e a economia através da exploração dos recursos naturais. A exemplo desse grande desinteresse todo o planeta assistiu, com grande indignação, o fracasso do encontro em Copenhague, Dinamarca, ocorrido no final deste ano de 2009. Muitos políticos se furtam de suas responsabilidades. Se furtam de suas escolhas responsáveis. A natureza responderá às nossas escolhas sem misericórdia, justos e injustos pagarão, e os pobres e ricos igualmente.

O caos climático prossegue em todo o planeta e isso não se trata de uma fatalidade ou castigo divino, pois sofremos hoje os efeitos de nossas escolhas diárias. Ao tratar da crise ambiental, não desejamos simplesmente chamar sua atenção, caro leitor, desejamos que você tome uma atitude, que saia do comodismo. Estamos todos saturados de discursos eloquentes, ricos em retóricas, mas que na prática não passam de falácias, isso foi evidente no encontro em Copenhague. Se preciso for devemos mudar nosso estilo de vida, devemos cuidar do planeta não para nossos filhos, mas ensinar os filhos a cuidarem do planeta.

No fervilhar do séc. XIX o mundo se transformava, mas não havia grandes preocupações com o meio ambiente. Naquela época, do séc. XIX, surgiram pessoas extraordinárias, pensadores, filósofos e cientistas, que tornaram aquele século um dos mais inspirados e férteis da história. Destaque para a Ecologia, de Ernest Haeckel; o Evolucionismo, de Charles Darwin; o Positivismo, de Augusto Comte; o Transcendentalismo, de Ralph Waldo Emerson; o Comunismo, de Friedrich Engels e Karl Marx; a Psicanálise, de

Sigmund Freud; e tantos outros. Todas estas pessoas mudaram muita coisa, pra pior ou para melhor? Cada época teve o seu motivo e necessidade. A nossa necessidade qual é? Qual é a nossa prioridade? Salvar o planeta? Não! Tentar nos salvar. O planeta continuará, e nós? Não sei! Toda causa tem um efeito, estamos vendo isso pessoalmente ou por meio de noticiários da TV ou internet.

Antes que esqueçamos é importante saber que a expressão *ecologia* nasceu da combinação de duas palavras gregas: οίκος (oikos) = casa + λόγος (logos) = estudo. Significa, literalmente, estudo da casa. Portanto, Ecologia seria o estudo de nossa casa, o planeta terra.

Ernest Haeckel³ cunhou, em 1866, a expressão ecologia para designar uma nova ciência que procura investigar as relações entre todos os seres vivos. A Ecologia amadureceu como ciência e um marco importante veio por meio do biólogo austríaco Ludwig Von Bertalanffy, em 1937, na *Teoria Geral dos Sistemas*.

Do ponto de vista teológico, a ecologia tem um valor muito singular na vida do ser humano, até podemos de certo modo afirmar que ele faz parte de nós, ou melhor, que ele está dentro de nós, dentro da composição do ser humano, pois rigorosamente somos feitos da terra⁴. Adão (אָדָם), em hebraico, significa terra fértil. Aparece no Antigo Testamento como a primeira criatura humana e, ainda afirma o texto sagrado, que “façamos o homem a nossa imagem e semelhança” (Gn 1, 26). Ou seja, a imagem e semelhança de Deus. Mas se notarmos o “façamos” está no plural, que os Padres da Igreja dizem ser a Santíssima Trindade.

Ao ler os dois primeiros capítulos do livro do Gênesis observamos que primeiro Deus cria o ambiente, a natureza, e posteriormente cria o homem. Notemos ainda que Deus cria tudo através de sua palavra, porque não dizer da Linguagem.

Deus disse: Que as águas que estão sob o céu se reúnam num só lugar e que apareça o continente e assim se fez... e Deus viu que isso era bom. Deus disse: “Que a terra verdeje de verdura: ervas que dêem semente e árvores frutíferas que dêem sobre a terra, segundo sua espécie, frutos contendo sua semente” e assim se fez... Deus disse: “Que a terra produza seres vivos segundo sua espécie: animais domésticos, répteis e feras segundo sua espécie” e assim se fez. Deus fez as feras segundo sua espécie, os animais domésticos segundo sua espécie e todos os répteis do solo segundo sua espécie, e Deus viu que tudo isso era bom.

³ Ernest Heinrich Philipp August Haeckel (1839-1919), naturalista alemão, empregou o termo *Ecologia*, pela primeira vez em seu livro *A MORFOLOGIA GERAL DOS ORGANISMOS*.

⁴ Gn 2, 7

Deus Disse: “Façamos o homem à nossa imagem, como nossa semelhança... Deus Criou o homem à sua imagem, à imagem de Deus ele o criou, homem e mulher ele os criou (Gn 1, 9-27).

E ao analisarmos a anatomia humana notamos que o corpo é formado de alguns elementos que se dispõem na natureza, os quais são extremamente importantes à saúde humana como o ferro, o cálcio, selênio, fósforo, manganês, potássio, magnésio e outros elementos. Portanto, podemos afirmar que transportamos o planeta em nossas veias. Contudo, seria mais correto afirmar que somos parte do planeta.

O mais interessante, e não é novidade para muitos, que 70% do planeta é constituído de água e na mesma porcentagem, 70% do nosso corpo é formado de água. É de assustar que, onde há abundância, há desprezo deste recurso natural. Um recurso fundamental para nossa vida, no entanto poluímos rios, lagos, córregos.

O Ar também é um elemento primordial para nossa existência. Respiramos a cada segundo, e ar é gratuito para todos, e não o valorizamos muito. Somente sabemos seu valor quando ficamos sem respirar por alguns segundos. A cada dia poluímos também o ar.

O fogo também é de suma importância para a existência humana e manutenção da vida. O efeito estufa provoca aquecimento global, gerando inúmeros problemas à humanidade por meio de mudanças climáticas. Também o aumento expressivo da população, a dizimação das florestas e outras ações humanas colaboram para o colapso climático. É necessário fazer escolhas conscientes e orientar as crianças para que haja melhorias hoje e sempre.

A Igreja Católica Apostólica Romana também passou a se preocupar com o meio ambiente. Em 2003, por exemplo, a Igreja Católica no Brasil por meio da CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil) voltou seu olhar para a ecologia com o tema *Água: fonte de vida*, em sua anual Campanha da Fraternidade, estimulando as paróquias de todo o Brasil à reflexão, sobretudo, acerca do desperdício, da poluição e do aspecto sagrado deste recurso fundamental à vida: água.

No ano de 2007, a Campanha da Fraternidade retomou o assunto ecológico com o tema *Amazônia e Fraternidade: vida e missão nesse chão*, refletindo e buscando soluções para os dilemas um dos pulmões do planeta.

O papa João Paulo II fez um apelo veemente aos católicos em prol da causa ambiental:

“... como ficar indiferente diante das perspectivas de um desequilíbrio ecológico, que torna inabitável e hostis ao homem

vastas áreas do planeta? ... É urgente uma educação sobre a responsabilidade ecológica. O tema da proteção do ambiente merece uma extrema atenção e reveste-se verdadeiramente de uma altíssima importância no mundo moderno⁵.

Bento XVI, nosso atual Sumo Pontífice, escreveu uma carta à Pontifícia Academia das Ciências Sociais, sublinhando os três maiores desafios do mundo globalizado:

“O primeiro diz respeito ao meio ambiente e ao desenvolvimento sustentável. A Comunidade internacional reconhece que os recursos do mundo são limitados e que todas as pessoas têm o dever de realizar políticas que visem salvaguardar o meio ambiente, a fim de impedir a destruição do CAPITAL NATURAL, cujos frutos são necessários para o bem-estar da humanidade⁶”.

Diante do que vimos até aqui, podemos observar que existem dois desafios que devemos vencer neste momento desafiador da história. Primeiro, fazer as escolhas certas em favor da vida, em todos os âmbitos. Segundo, transformar os problemas em soluções, a crise em oportunidades. O erro em aprendizado. O erro deve ser nossa lição de sabedoria diária.

Enquanto nossos governantes não decidirem se unir em favor da vida, deixando de se interessarem exclusivamente para os lucros comerciais e econômicos. Todavia, não devemos nos furtar de nossas responsabilidades, pois o primeiro passo cabe a nós. Somos livres para optarmos pelo comodismo ou por algo sério, comprometido com a vida. Quais são nossas prioridades? Quais são nossos interesses? As nossas escolhas revelam as respostas, revelam nossas prioridades.

Somos livres para fazer nossas escolhas, e são elas que revelam como estamos cuidando do planeta terra, grande patrimônio confiado ao homem, cabe a nós administrar com responsabilidade. Se não cuidarmos deste patrimônio estaremos colaborando com os diversos crimes ambientais.

⁵ Disponível em: http://www.arquidiocese-sp.org.br/ecologia/pastoral_da_ecologia.htm - acessado em: 21 de Julho de 2009.

⁶ Disponível em: <http://www.cleofas.com.br/virtual/texto.pho?doc=PAPABRASIL&id=pbb0018> – acessado em 20 de julho de 2009.

CAPÍTULO 5

A LIBERDADE

5.1 ESTOU CONDENADO A SER LIVRE

Através de sua consciência o homem age. E talvez, de fato, a consciência seja a causa da existência humana. E não como se pensava na filosofia antiga, onde a existência humana é ocorrência da dualidade de duas realidades, a inteligível e a sensível. Talvez também não seja como se pensava na Idade Média, onde o homem é a composição de corpo e alma. Há uma divindade, algo que gerou tudo, que fez tudo existir, inclusive a Liberdade. Mas esse ser divino não nos tira a Liberdade, pois ele não toma de volta o que outrora ofereceu: a Liberdade. Todavia, desembocamos noutras questões, tal como a morte e a vida. Se esse ser divino nos deu a vida por que existe a morte? Ou a morte é outra vida? Mas se eu não quiser ir para a outra vida? Não sou tão livre?

Em meio aos pensamentos e reflexões não se chego a uma resposta concreta e absoluta para as questões metafísicas no que diz respeito a Liberdade, por isso, passo a tratar a Liberdade a partir de uma ótica sociológica e física. Física? Sim! Física! A física também nos proporciona um pensamento acerca da Liberdade. Reportemo-nos ao início deste trabalho quando foi tratado o deslocamento de uma região a outra em curto prazo de tempo, fato que é impossível fisicamente, daí já podemos tirar que é possível sim se pensar na Liberdade numa questão física.

E quando alguém nos faz lembrar que o Brasil é um país livre, você sabe o que isso significa? Você é geralmente livre para fazer o que quiser e isso é chamado de *liberdade positiva* e quando se está livre de ser perseguido por suas idéias chamamos de *liberdade negativa*. Tal verdade positiva envolve escolhas, liberdade negativa as consequências.

Essas duas *liberdades gêmeas* são realmente maravilhosas e temos sorte de as tê-las, mas a palavra importante é *sorte*. Se amanhã, numa eventualidade improvável, um ditador viesse a tomar o poder, nossas preciosas liberdades poderiam ser abolidas em um segundo. Que restaria, existe algum tipo essencial de Liberdade que jamais possa ser tirada de nós?

Segundo Sartre, o líder dos filósofos existencialistas deste século, a resposta é sim. Isso é bom, mas só em parte. Sartre diz que o ser humano é ser completamente livre para ter o

poder de escolha. Mas a única coisa que não podemos escolher é renunciar à escolha ou citando um paradoxo de Sartre: Estou condenado a ser livre! Esse é o dilema existencial!

A filosofia de Sartre sobre a Liberdade deriva de seus estudos sobre a fenomenologia, a filosofia da consciência pura. A seu ver o que distingue a consciência é que ela tanto pertence ao mundo como pensamos, quando nos tornamos autoconscientes, tratamos nosso pensamento como se ele fosse um objeto no mundo. Dizer que fiquei confuso com esta explicação é transcender nosso próprio pensamento e refletir sobre ele. Mas o mundo, da forma como o conhecemos é a apenas uma reunião de todos os tais objetos transcendentais, a coisa que percebemos e sobre as quais pensamos.

Ao mesmo tempo, a consciência não é do mundo, quando sonhamos, somos desligados de qualquer sentido externos. Quando imaginamos, por exemplo, quando fantasiarmos sobre ganhar na loteria saímos do presente (o mundo como é) e projetamos um futuro melhor (o mundo como ele não é) como esse futuro não é real, ele é não existente, ele é o nada.

De acordo com Sartre, toda ação surge desse nada se você estivesse sempre diretamente sintonizado ao presente, incapaz de escapar dele, você não só poderia imaginar como também não poderia agir. O presente é apenas o que é e ao menos que você considere como as coisas poderiam ser diferentes não existe motivo para se fazer nada.

A famosa “náusea” de Sartre surge da absoluta liberdade de escolher. A consciência de que você é sempre capaz de qualquer ato potencial, por exemplo, pode acontecer que em um dado momento você escolha se matar, esse pensamento que abre um abismo profundo no eu será gera ansiedade e náusea (como você tem a possibilidade de fazer isso, você tem medo de vir a fazer isso). Está condenado a ser livre significa que somos os únicos responsáveis por gerar, a partir de cada situação, nosso próprio mundo. Responsáveis pela escolha de nossas próprias metas, nossos métodos de alcançá-las, de nossas respostas à ansiedade da escolha. Talvez você escolha se matar ou talvez você opte continuar fazendo suas opções.

Muitas pessoas, no entanto, recusam-se a encarar estes fatos, pois não podem suportar a idéia de que são responsáveis pelo seu mundo, como já disseram muitos analistas de nossa época, nós preferimos nos vermos mais como vítimas do que como adultos responsáveis.

Culpamos nossa infância infeliz, a opressão cultural, a classe social, o preconceito ou a sociedade por nossas péssimas escolhas e fracassos, mas Sartre não negaria que infâncias infelizes e nossas livres escolhas para interpretar e responder aos fatos da vida.

As escolhas de alguns afetam a vida de muitos, e todos sentem o efeito da fúria⁷ da natureza, em virtude da violência que ela sofre diariamente.

5.2 RELAÇÃO ENTRE LIBERDADE E NECESSIDADE

A Liberdade e a Necessidade são compatíveis, tal como as águas não tinham apenas a Liberdade, mas também a Necessidade de descer pelo canal, assim também as ações que os homens voluntariamente praticam, pois elas derivam de sua vontade, derivam da Liberdade e, ao mesmo tempo, do desejo e da inclinação a necessidade. Mas toda causa deriva de outra alguma causa, e essa de outra causa, numa cadeia contínua cujo primeiro elo está na mão de Deus, o motor imóvel, a primeira de todas as causas, elas derivam também da necessidade. Deus que vê e dispõe todas as coisas, vê também que a Liberdade do homem deve fazer o que quer e sempre acompanhada pela necessidade de fazer aquilo que Deus quer.

O significado de Liberdade transcende a faculdade de cada um se decidir ou agir segundo a própria determinação, sem nenhum tipo de impedimento. Mas quando se fala da liberdade humana, surge o problema que consiste na determinação dos limites que sejam garantia de desenvolvimento das potencialidades dos homens no seu conjunto (as leis, a organização política, social e econômica, a moral, etc.), pois certas definições potencializam o poder de alguns homens sobre a liberdade de outros, transformando e conservando leis em benefícios próprios.

Sob a ótica teológica e da fé, fomos criados livres por Deus. Os mandamentos deixados não tiram nossa liberdade, pelo contrário, somente quem é livre pode obedecer ou desobedecer. Os animais agem por instinto, pois eles não têm liberdade. Os animais necessitam dos instintos.

Na natureza nada existe de contingente, ao contrário, tudo é determinado pela necessidade da natureza divina, a existir e a agir. Agir absolutamente por virtude não é, em nós, outra coisa que agir, viver e conservar o seu ser (estas três coisas significam o mesmo) sob a direção da razão, segundo o princípio da procura da própria utilidade.

O homem necessita da liberdade para fazer suas escolhas. Um homem nunca roubará de outro homem, ou melhor, roubará através do assassinato.

⁷ *O efeito da fúria* é um filme de 2008 que retrata o quanto nossa vida é vulnerável e como e como num estalar de dedos tudo pode mudar. Este filme foi escrito por Roy Freirich e dirigido por Rowan Woos.

5.3 O QUE É LIBERDADE?

Retornamos a pergunta inicial: *O que é Liberdade?* Esta questão nos motiva a escrever sobre tal tema, mas não nos permite concluir satisfatoriamente, visto que a concepção de Liberdade é tão complexa como o próprio homem. No entanto, tentando abordar o termo Liberdade da forma mais genérica possível, percebe-se, a princípio, que cada indivíduo vê a vida como um mini-mundo que lhe foi sendo criado a partir do meio externo. Tal como se estuda na filosofia os microcosmos e os macrocosmos, termos gregos para designar a concepção de mundo na antiguidade. Mas tomemos a palavra microcosmo por mini-mundo, a qual corresponderá ao indivíduo.

Cada ser humano é um microcosmo, ou seja, um mini-mundo. Mas há vários e diferentes mini-mundos em nosso mundo (macrocosmo), formando assim uma complexidade das mais diversas formas na sociedade, talvez por isso causando angústias, desespero, medo e tantos outros problemas psicossociológicos.

É nessa relação com o mundo do outro e com o seu próprio mundo que entra a problemática que envolve a Liberdade. Sendo assim, acreditamos que seja normal que o indivíduo se acomode ao seu mundinho, sentindo-se confortável e não sente a necessidade de mudanças, como se os problemas climáticos não lhe diz respeito em nada, por exemplo. Mas as pessoas sensatas correm atrás e ampliam o escopo de conhecimento, e os que têm a visão mais apurada questionam e debatem o problema. Todavia, os que não se interessam por um problema social apenas não querem sair do seu comodismo, e isso também é uma escolha que se encaixa perfeitamente na Liberdade.

Um país ou um indivíduo acomodado enxerga a liberdade somente quando é impedido de realizar algo ou de crescer profissional ou economicamente, por exemplo. E talvez este modo de conceber a liberdade pode ferir a liberdade de outros, pois a liberdade não é exclusivamente de um indivíduo ou de um grupo, mas de todo gênero humano.

Então podemos nos questionar se todos os homens estão aptos a reconhecer a necessidade da Liberdade? E se reconhecer, saberá lutar por ela? Aos que têm apenas medo de romper os obstáculos, basta convidar um amigo e dizer que o caminho é este, que é difícil, mas que juntos o necessário será alcançado, pois ninguém vive sozinho. Devemos ser pessoas sociais e livres.

O mundo não é apenas nosso, por isso nossos atos e atitudes influenciarão na vida e na liberdade do outro. E, as vezes, o outro e o mundo esperam uma pequena mudança de atitude de nossa parte para que a sociedade, a nossa casa, seja cada vez melhor.

Por fim, quando chegarmos a velhice podemos nos orgulhar e ter a consciência tranquila de que nossas escolhas não foram escolhas de um mundo ilusório, pois deixaremos a nossa realidade, fruto de nossa liberdade, para as pessoas que amamos. Por isso, é importante ensinar a cuidar do planeta, da natureza, da vida, do outro e da nossa liberdade, pois do contrário restará apenas um mundo caótico, onde se contemplará confusões, corrupções, lixo dentro de muito luxo, e a morte. Assumir novas responsabilidades é um ato de Liberdade e se furtar delas também. O que você vai fazer?

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Há muitos séculos se têm se falado da liberdade humana, mas somente nos últimos séculos se enxergou de fato um resquício daquilo que é falado, principalmente no Brasil onde os negros foram considerados livres somente no século XIX. Mas como nós, meros mortais, podemos chegar à conclusão do que realmente seja a liberdade? Somos capazes de definir o que seja a liberdade? Somos capazes de definir, ainda, o que ela representa em nossa vida? Por enquanto, somos livres para indagar e pensar em tais questões, mas não sei se somos livres para alcançar tais respostas.

Até que ponto vai a liberdade? Onde tem início e onde finda a liberdade? São questões desse tipo que nos faz pensar, porém não nos permite concluir de modo satisfatório tal problemática, pois as respostas ainda não foram encontradas. Tal assunto é tão complexo e profundo como o próprio ser humano.

Através deste trabalho procuramos chamar a atenção para o que seja a liberdade, deixando as questões para que você, leitor, reflita, contudo não somente reflita, mas que viva o que refletiu. Em filosofia, não temos respostas dogmáticas para questões abertas, encontramos-nos em meio a uma busca incessante para aquelas questões que nos fazem constantemente parar e refletir, chegando talvez a uma resposta alentadora.

Diante de tudo isso, acreditamos, e é certo, que a liberdade implica, antes de tudo, em distinguir entre a essência e a existência, e enfrentar a angústia da escolha e a covardia da má fé.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARITÓTELES. *Ética a Nicômaco*. São Paulo: Martin Claret, 2008.

LÉVINAS, Emmanuel. *Entre nós, ensaios sobre a alteridade*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

INVITTO, Geovani, *Deus não existe, a indemonstrabilidade de uma certeza*. In. PENZO, G. Rossino. São Paulo: Loyola, 1943.

MARIAN, Lúcia. *Geografia, série novo ensino médio*. São Paulo: Moderna, 2002.

MERCANTE, Clarinda. *Biologia, coleção base*. São Paulo: Moderna, 1999.

SARTRE, Jean Paul. *O ser e o nada*. Petrópolis: Vozes, 1991.

_____. *O existencialismo é um humanismo*. São Paulo: Abril Cultural, 1946.

MÉSZÁROS, Istvam. *A obra de Sartre, busca da liberdade*. São Paulo: Ensaio, 1991.

<http://www.cuidadoser.com.br>

<http://www.cafefilosofico.com.br>